



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O CONTO DA AVÓZINHA

POR COTOVIA (DA SÉRIE A)

DESENHOS DE A. CASTAÑE

CONTE-ME um conto, avózinha; — (dizia a pequenina Luísa à sua avó). —
— Conto, minha filha, conto, mas é preciso que me ouças com muita atenção.

— Eu prometo, minha avózinha, dar muita atenção ao conto que me vai contar; — (respondeu a Luísa com o seu costumado sorriso).

— Pois então vou já começar: — Há na Terra, minha filha, duas estradas maravilhosas, que Deus fez para nós escolhermos qual havemos de seguir...

— E o que são essas duas estradas, avó? — (preguntou a Luísa).

— Então que atenção é essa? Deixa contar!

— Ai, perdôa, avózinha. Conti-



nua, que eu já não te interromperei mais.

— Então, vamos lá, — (continuou a avózinha) — estas duas estradas são separadas por um alto muro, dum lado preto, e do outro branco. A estrada do lado esquerdo, a que fica para lá da parede branca, é linda! As árvores, muito crescidas, altas, e muito emprumadas. Os ninhos muito lindos, abundam nelas. Os rouxinóis, os pintassilgos, as cotovias, e outros pássaros canoros, entoam o hino da Felicidade. A estrada é muito lisa, e as pessoas que por ela passam, são brancas de neve e andam vestidas de branco. O céu é azul, muito lindo, e com algumas nuvens muito brancas.

— E a outra estrada, minha avó? — (preguntou, novamente, a impaciente Luísa).

— Conto já, conto já... — (e continuou:)

A estrada do lado direito, a que fica para lá da parede preta, é muito feia. As árvores, todas negras, pendem, deixando cair as folhas. Está cheia de covas e predégulhos, e os môchos e as corujas, no seu piar enfadonho, abundam nesta estrada. As pessoas que por ela passam são sombrias, e andam vestidas de preto.

O céu, aqui, está cheio de nuvens grandes e muito escuras.

— E como se chamam essas es-



O CASTIGO DUM MÁU

POR A. VICENTE CAMPINAS (DA SÉRIE C)

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

EM certa aldeia, havia
 Uma pobre coxinha,
 Que era um encanto d'alma e de bondade,
 Esmolava de dia,
 P'ra viver, pois não tinha
 Pai nem mãe, a-pesar de pouca idade,

Quanta vez, à tardinha,
 Ao regressar a casa,
 Depois de ter andado pelos «montes»
 A esmolar, — pòbrezinha!... —
 Exposta ao sol que abraça
 E quando, já sem água, choram fontes,

Esta pobre encontrava
 Mais pobres de pedir,
 Talvez mais infelizes, porque não
 Tinham pão; e, então, dava
 O seu pão, a sorrir,
 Para lhes evitar a humilhação!...

Mas—ai dela! — os meninos,
 Grandes e pequeninos,
 Motejando-a, metiam-se com ela;



Como se a sua mágoa
 Não fôsse como frágua
 Que lhe queimasse o corpo e a alma bela!...

... Um dia, o mais ousado,
 Travêso pequenito,
 Bateu à pobre, inválida coxinha!...
 Jesus, amargurado,
 Em seu Reino bemdito,
 Chorou, ao ver chorar a pòbrezinha...

E para exemplo, então,
 Castigou, fortemente,
 Esse menino ousado e sempre mau.

... Ao brincar com o irmão,
 Muito levanamente,
 Fez com que este lhe desse com um pau,
 Tornando-o também, côxo, indefinidamente...

Se sempre fôsse bom, não lhe aconteceria,
 A êsse mau menino o que lhe aconteceu.

Por isso, séde bons, meninos. E, contente,
 Jesus, com seu poder de sublime magia,
 Um dia vos fará chegar ao Reino seu!

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

tradas, minha avó? — (preguntou, mais uma vez, a curiosa e impaciente Luísa):

— Olha, minha filha, — (disse a avó com uma voz suave e pausada) — estas duas estradas são a Vida, Ora na Vida, minha filha, só há estas duas estradas a seguir; a primeira, é a da bondade com tôdas as suas virtudes. As pessoas que nela passam são as bondosas, e, como têm a alma branca, vestêm de branco. Por esta estrada passa a Felicidade. Este caminho vai dar a um lin-

do jardim florido, onde há tôdos os prazeres, e chama-se Paraíso.

A segunda, é a da Maldade, com todos os seus defeitos, e vai dar a um campo, vermelho e preto, que se chama Inferno.

— E porque é que as pessoas que andam nessa estrada, são pretas? — (preguntou Luísa) —

— Porque a sua alma é negra, muito negra — (respondeu a avó) —

E a boa senhora terminou aqui o seu conto.

— Então, Luísinha, percebeste?
 — Percebi, sim, minha avó, e hei-de seguir sempre, na Vida, a estrada da Bondade. — (disse a Luísa)

— Bem, vejo que percebeste! disse a boa velhinha, dando dois beijos, nas faces rosadinhas da neta.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

A MELHOR HERANÇA

Por MARIA EMILIA DE BARBOSA VIANA — (Série C)
Desenhos de A. CARTAÑÉ

O SABIO e bondoso rei Luis andava bastante apreensivo, com o descalabro, a ruína que, dia a dia, mais ameaçava o seu país. Meia dúzia de especuladores, já no tempo do seu falecido pai, haviam-se apossado, por meios bastantes suspeitos, de muitos milhões, milhões que os seus actuais herdeiros aumentavam consideravelmente, empregando os mesmos meios dos seus progenitores e que causavam a miséria, o desespero ao povo trabalhador e bom. O tempo ia decorrendo nesta cruel incerteza do dia de amanhã, quando uma ideia, extravagante, do rei, pôs o reino em verdadeiro alvoroço. Vários arautos percorriam as ruas da capital e da provincia, annunciando que sua majestade o rei Luis daria a sua augusta filha, em casamento, àquele que melhor herança houvesse recebido dos seus pais.

Como era de calcular a noticia causou um enorme espanto. Os nobres, aqueles que de direito poderiam aspirar à mão da real princesa, sentiram-se feridos no seu orgulho. O povo, o misero povo, cansado de tanto moirer, de tanto sofrer, sentiu-se humilhado com a resolução do rei. Era o decair das suas illusões, da esperanca dum provir mais feliz, o ter, como presumivel herdeiro do trono, algum millionario sem escrúpulos, sem coração, incapaz de avallar a dôr dos seus semelhantes e suficientemente egocista para a minorar!

— «O rei, decerto, endoideceu!» Era esta a frase com que aqueles mais affectos ao monarca, pretendiam desculpá-lo perante os outros, indignados por tão estranho procedimento. Porém, entre os ricos, a noticia produzira um effeito maravilhoso. Não se cansavam de abençoar o ouro, esse puro bendito que tudo comprava, até uma corôa real! Ambiciosos ao máximo, já todos, cheios de vaidade, se viam com uma reluzente corôa cingindo as suas fronteiras! Para causarem melhor effeito ao rei e aos seus ministros, mandaram, immediatamente, construir novos palácios, embelezar os que já possuíam, comprar, novas carruagens, magnificas parelhas de cavalos, aumentando considera-



velmente o número dos seus criados e, assim, indirectamente, sem mesmo o suspeitarem, iam beneficiando o povo, espalhando os seus tesouros, diminuindo o desemprego...

Alguns meses haviam decorrido. Chegára, finalmente, o dia em que o rei Luis escolheria, para esposo de sua filha, aquele que melhor herança mostrasse haver recebido!

Na linda e vasta sala das recepções, a aglomeração de gente era extraordinária! Viam-se príncipes e nobres ostentando os seus trajes de gala, viam-se burguezes chaméjantes de diamantes e outras valiosas pedrarias, sorrindo, satisfeitos, como que certos do seu próximo triunfo! Viam-se, enfim, representantes de todas as classes sociais.

Um pagem, de aspecto grave, anuncia o rei e a princesa que vinha, nesse dia, radiante de formosura. Pela sala perpassou um murmúrio geral e um deslumbramento! Após os cerimoniaes da praxe, o rei senta-se no trono, dando a oireita à princesa. Rodeado pelos seus ministros e conselheiros, principia a inquirir dos pretendentes qual a herança que haviam recebido. Milhões e milhões, uma infinidade de contos são relatados naquela sala, prepassando como uma rajada! O rei sente-se triste! Aquela imensa riqueza que lhe apregôam com tanto orgulho, longe de o deslumbrar acabrunha-o! Com aqueles milhões mataria a fome ao seu amado povo, poria côbro a muita desventura!

Entre os pretendentes começava já a inquietação a perturbá-los. O rei não se decidia. Já tinha conhecimento da herança que cabia a cada um dos presentes, e ainda se conservava hesitante, quando entrou na sala um jóvem, de distinctissimo porte, trajando um rigoroso luto que mais lhe aumentava a palidez do simpático rosto, e um sorriso altivo a entreabrir-lhe os lábios. Todos olham com curiosidade o recém-chegado.

— «Quem será?!» A quanto montará a sua herança? Eram as perguntas que todos, intimamente, faziam sem



(Continua na página 7)

Rosinha e o pobre João

POR BERTA DE CASTRO SOBRAL

(DA SÉRIE C)

DESENHOS DE A. CASTANÊ

CONTAVA-SE que o pobre João, aquele velhinho todo curvado, de grandes e abundantes barbas brancas, olhos vivos, sorriso sempre pronto a brincar-lhe nos lábios, como uma prece ou um agradecimento, era rico e não precisava esmolar.

Oh!... Mas como poder acreditar neste boato, pois se o pobre velhinho andava tam remendado, tam macilento, que os seus olhos, avivados pelo fogo da febre e cercados de grandes e negras olheiras, pareciam duas lanternas!... E tam humilde... tam respeitador... Nunca lhe tinham visto um mau modo ou ouvido um murmúrio que não fôsse uma oração, quando, em vez da esmola, lhe repetiam, pela centéssima vez, aquela frase tam simpática: — Tenha paciência, irmãozinho... — que é a esmola do coração.

Todos, pois, — pobres, remediados e ricos — repartiam com o pobre João.

Vivia, sózinho, numa humilde cabana, onde, a par da pobreza, reinava a limpeza, porque algumas mulheres de alma generosa, cumpriam a caridade de lhe prestar, em casa (demos-lhe êste nome) os serviços que êle não podia fazer.

— E' rico — diziam uns. Andou lá pelo Brasil e trouxe um belo pedúlio!

— Não é verdade — diziam outros — e vós sois maus em estar a caluniar um pobre velho indefeso!

E, assim discutindo, nunca chegavam a averiguar qual das duas afirmações teria fundamento verídico. Entretanto, o nosso velhinho João ia sempre sorrindo, rezando e agradecendo as esmolas, mais ou menos avultadas, ou simples palavras de consolação que lhe dirigiam.

Era, principalmente, para as criancinhas, e, entre estas,



para as mais pobrezinhas, que o velhinho João sorria com mais amor, e, algumas vezes, procurava sondar-lhes o pequenino coração com palavras ditas com infinda suavidade e carinho.

Entre estas criancinhas, que desde a mais tenra idade conhecem os espinhos e agruras da vida, e a grande luta necessária para a manutenção da existência, havia uma, chamada Rosinha: — modelo de virtude, coragem e abnegação.

Tinha, apenas, dez anos de idade e havia três que, esmolando, amparava a sua querida avózinha, a qual jazia, entevada, numa cadeira feita pelo próprio pai de Rosinha.

Rosinha! Como lhe ia bem o nome! Verdadeira flor que entre tanta tristeza crescia, bela entre as mais belas! Corajosa, sentindo a sede de aprender, frequentava uma escola nocturna, onde, apesar da sua pouca idade e da sua vida atribulada, não dormia sobre as bancadas, antes pelo contrário, concentrava toda a sua atenção nas explicações da senhora professora.

Rosinha fazia progressos, e isso dava muita alegria à sua bondosa mestra, que via, assim, coroados os esforços que dedicava à obra caridosa da sua própria iniciativa: — a escola nocturna para os pobrezinhos!

Com Rosinha conversava muito o pobre João, e, muitas vezes, encontrando-se nos caminhos, interrogava-a sobre as suas lições, que ela só podia estudar à noitinha, quando regressava a casa, depois de preparar a ceia para a sua extremosa deentinha.

Quantas vezes o pobre João lhe quis fazer aceitar parte do seu quinhão, mas a pobre menina, com grande delicadeza, lhe recusava o que o seu estômago reclamava com avidez!

Era evidente que o pobre João sentia pela rapari-





guinha uma grande afeição, mas isso não causava estranheza, pois todo o povo da aldeia a apontava, como exemplo, a seus filhos.

Chegou-se uma noite de inverno em que soprava um violentíssimo vento e nevava.

Rosinha, nesse dia, pouco tinha angariado, devido ao mau tempo, mas dispunha-se a deixar a sua ceia, para o seu almoço e o de sua avózinha, caso, no dia seguinte, ainda se mantivesse o temporal. O seu estômago não concordava lá muito com esta solução, mas a vontade da menina era mais forte e fez-lhe ver que, tendo jantado, podia bem dispensar a ceia.

Bateram à porta. Rosinha vai abrir... O espanto e a comoção embargam-lhe a voz. Era o pobre João, todo molhado e tam branquinho de neve, que mal se distinguem as suas barbas. Só os seus olhos brilhavam com mais fulgor.

Vinha pedir agasalho, pois a sua cabana ainda ficava distante e as suas trôpegas e velhas pernas recusavam-se a transportá-lo, com tanto frio e fome.

Rosinha ao ouvir tal, não hesita; põe mais uma mão cheia de vides na fogueira e dá ao pobrezinho a parte que tinha guardada para o seu almoço do dia seguinte, dando louvores a Deus por o ter inspirado a não a comer e poder, assim, socorrer o pobre João, sem prejuízo da sua doentinha.

Duas lágrimas correm pelas páldas faces do velhinho, que, com voz trémula, chama a si a bondosa e caridosa menina, sentando-a no seu regaço. Ele bem sabia que ela não tinha ceado, pois fóra espreitando-a que se deixara cobrir de macia e fria capa de neve.

Quis ter mais uma prova do tesouro que era aquele coraçãozinho. Agora, achava chegado o momento de falar:

— O pobrezinho João não é um pobre! O pobre João é rico!

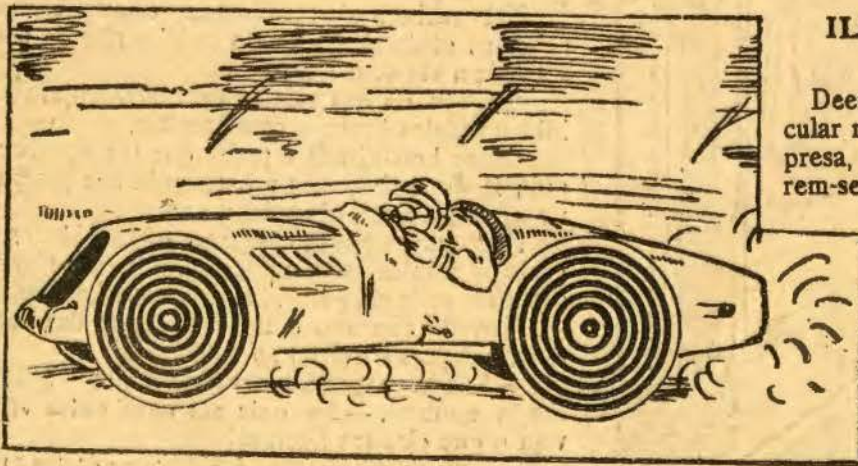
Mas, não tendo descendentes, queria deixar a sua fortuna a alguém que fosse digno dela. Fóra por isso que se disfarçara em pobre, para, sem despertar suspeitas, sondar as maravilhas que encerram certas almas e melhor poder fazer a sua escolha.

Foi isso que êle explicou a Rosinha, boquiaberta, e à sua avózinha, que chorava, comovidíssima, perante um tal milagre. Milagre era o nome que ela dava a êste acontecimento mas Rosinha nem tal podia supôr, porque se imaginava sonhando.

Como ela é feliz! Quando compreendeu bem o que se passava, como chorava, agora, enternecida, agarrada ao pescoço do seu generoso bemfeitor, de quem, de ora em diante, ficaria sendo a herdeira.

— Havemos de fazer muito bem aos pobrezinhos, sim, pai João?! — dizia ainda ela, sempre, antes de adormecer.

■ ■ F I M ■ ■



ILUSÃO DE ÓTICA

Deem ao papel um movimento circular muito rápido e verão, com surpresa, as rodas do automóvel moverem-se com a maior velocidade.

Razão forte

— « Desde já o previno: — Ver-me-hei forçado a cortar-lhe o pé se continuar a beber. »

— « Que me importa! Eu não bebo com o meu pé! »

AS FERRADURAS MÁGICAS

Por RUI DE BARROS (Série A)

Desenhos de A. CASTAÑÉ

ERA uma vez uma rainha, boa e carinhosa; estando um dia à janela do seu palácio, viu passar um pobre rapaz com um saco, às costas, que parecia muito pesado.

— Você vai tão cansado! — Disse ela. Venha cá para dentro e descanse.

— Isso queria eu, Senhora! — (respondeu o rapaz) — mas acho-me numa grande dificuldade. Meu tio, que é feiticeiro, mandou-me, de presente, três ferraduras mágicas. Uma perdeu-se no caminho e eu vim procurá-la com as outras às costas, não vão elas perder-se, também, pois não tenho um lugar seguro onde as escondo.

— Venha pô-las no salão do palácio; — (propôs a rainha) — Ficarão, lá seguras até que você volte, pois não direi nada a ninguém.

Agradecendo, muito contente, o rapaz seguiu a rainha, e subiu, atrás dela, lanços e lanços de escadas até chegar ao sótão.

Ali pôs o saco num cantinho escuro, e preparou-se para continuar a jornada.

— Diga-me o poder das ferraduras, antes de se ir embora — pediu a rainha.

— E' muito grande o seu poder — (respondeu o rapaz.) — Se Vossa Magestade lhe pegar com a abertura virada para cima, alcançará tudo quanto deseje.

— Se assim é, — (tornou a rainha) — você tem razão em querer achar a terceira.

Nem ela nem o dono das ferraduras se lembraram, no entanto, de que para encontrar a ferradura perdida, o mais simples seria servir-se do poder mágico de uma das outras, evitando, assim, fatigantes buscas pelas estradas.

Podia mesmo o rapaz desistir da terceira, visto que bastaria uma só para lhe alcançar tudo quanto pudesse desejar; mas, por mais estranho que isto



pareça, nem ele nem a bondosa rainha pensaram nesta maneira simples de resolver o caso.

O viajante começou, pois, a sua viagem, depois de comer bôlos e frutas que lhe mandou servir a sua protectora.

Passaram-se três dias e, como nenhuma notícia tivesse dele, a rainha esqueceu-se da sua promessa de guardar segredo e disse ao seu real esposo:

— Não quiere saber?!... Há, em cima, no sótão, duas ferraduras mágicas.

— Quem as levou para lá? — (preguntou o rei.)

Mas, neste instante, o fidalgo camarista-mór entrou na sala, e a rainha não quiz explicar-se mais.

Todos os criados andavam muito afadigados porque se preparava um grande baile, para aquela noite, em honra da filha única de suas majestades, a bela princesa Setalinda que fazia anos.

— Ninguém me verá se eu fôr lá cima, espreitar as ferraduras mágicas, — (pensou a rainha, e foi a correr ao sótão.)

Agora sempre quero experimentar se a história que contou o rapaz é verdadeira — (disse ela consigo; e, agarrando numa das ferraduras, levantou-a ao ar e disse:)

— Quem me dera ser nova, outra vez! —

Mal acabara de pronunciar estas palavras, achou-se sentada sôbre uma cadeira alta de bebé e ligada a ela com fitas.

Em vez do seu vestido de côrte, trajava um bibe e sapatos brancos com presilha.

Gritou horrorizada e pediu que lhe acudissem mas, lá em baixo, com a barafunda dos preparativos para a festa, ninguém a ouviu.

Passaram-se horas, chegaram os convidados, e, como a rainha não aparecesse, e pessoa alguma soubesse onde ela parava, abriu-se o baile sem ela.

Mas, de repente, o Rei lembrou-se das ferraduras mágicas e correu ao sótão,

— Não se chegue a essas ferraduras! — (gritou-lhe a mulher). — Eu quiz ser nova outra vez e veja o que elas me fizeram!

(Continúa na página 8)



A MELHOR HERANÇA A DIVINHA

(Continuação da página 3)

encontrar resposta que os satisfizesse. A princesa fita-o com insistência... Ele fita-a, também... Uma mútua simpatia atrai, imediatamente, os dois jovens corações!

— «Meu amigo, qual a herança que haveis recebido de vossos pais? — pergunta-lhe o rei, com certa curiosidade. O interrogado, depois de olhar com altivez para todos os millionários que o fulminavam com o olhar, entre desdenhosos e compassivos, volta-se para o rei e responde com assombrosa simplicidade: — «Majestade, a herança que recebi de meus pais... — (aqui, as lágrimas de comoção, impedem-no de continuar a falar por uns segundos, o que faz aumentar a curiosidade do rei e dos assistentes que estão suspensos dos seus lábios)... — foi um nome honrado, uma reputação sem mácula!»

— Bravo! —volve-lhe o rei entusiasmado.

Eis, meus senhores, aquele que, na minha opinião, merece a mão de minha filha! E, na verdade, a dêe a melhor herança.»

Despeitados, os millionários, maldizendo, pela primeira vez na sua vida, a imensa riqueza que possuíam, começaram retirando, ao mesmo tempo que o povo, já sabedor da escolha do rei, rejubilava e não se cansava de o aplaudir e aos ditos noivos.



Esta flôr oriental foi cultivada por um chinês. Sabem onde está?

CHARADAS

COITADINHA...

Qual é o golfo que tem o nome duma fera?
(2 sílabas).

Qual é a bebida formada por um advérbio e por uma virtude? (2 sílabas).

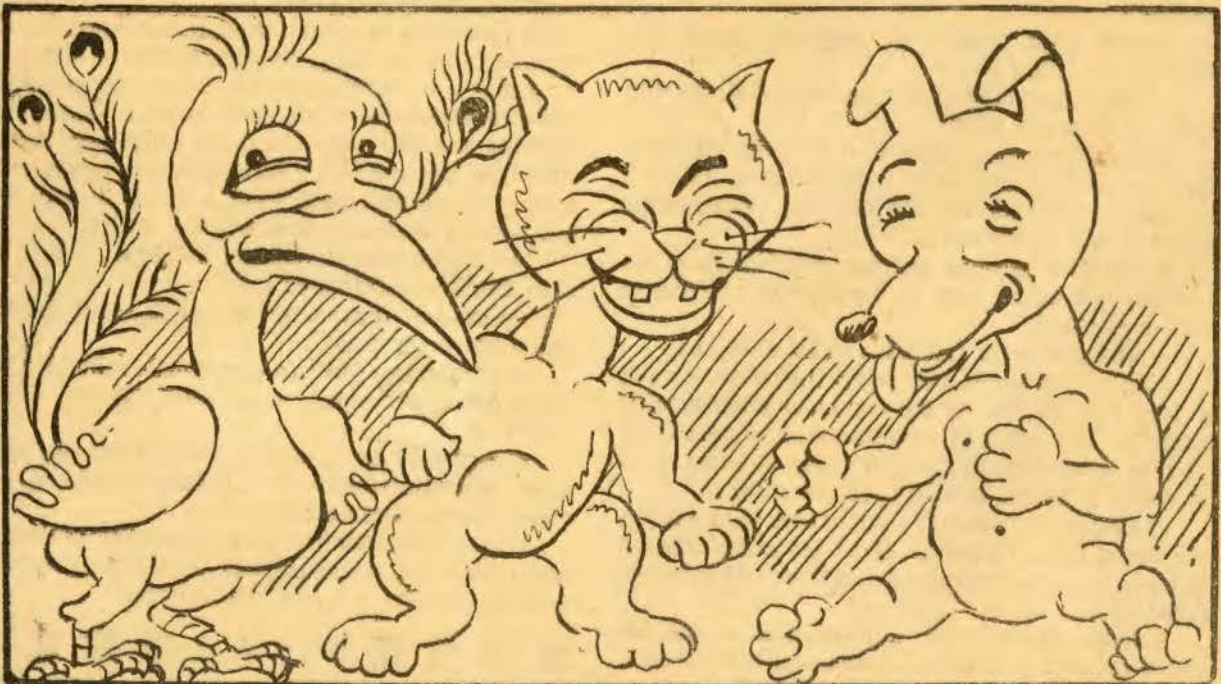
O que é que está sempre no meio dum rio?

Solução das anteriores

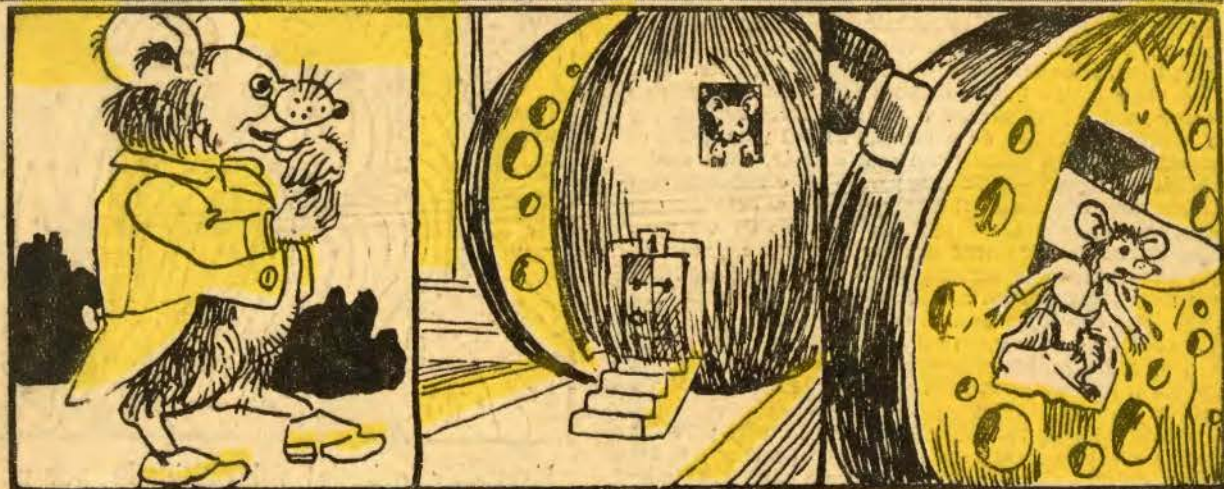
Clara — Lima — Cão — Simão — Quarto — Tesouro — Pinto — Sofá.

Um homem tinha uma galinha de tão boa raça que todos os dias punha um ovo. Começou a dar-lhe muito mais alimento e a galinha, para o compensar, passou a pôr dois ovos por dia, um de manhã e outro á noite. Satisfeitíssimo com o facto, continuou a dar-lhe cada vez mais comida, até que um dia reparou que estavam 3.000 ovos no cesto e a galinha morta. Sôbre os ovos via-se um cartãozinho escrito pela galinha em que esta dizia esta simples palavras: «Não posso mais»...

PARA OS MENINOS COLORIREM



CASA, CAMA E MESA...



I — Certo rato, Dom Mostrengo, de grande fanfarronada, num belo queijo flamengo resolveu fazer morada.

E disse este disparate:
— «Quem bem não saiba viver é melhor que Deus o mate!»

II — Abrindo porta no queijo, uma janela, um postigo, satisfaz o seu desejo de ter alimento e abrigo.

E assim enchia a barriga,
comendo queijo a faltar, sem trabalho nem fadiga.

III — Mas um dia o dono seu, partiu ao meio o flamengo e, com êle, o Dom Mostrengo guilhotinado... morreu!

Isto sucede a quem quer
—(e eis a moral deste conto)—
sem trabalhar, bem viver!

AS FERRADURAS MÁGICAS

(Continuação da página 6)

O Rei olhou para aquele bebé sentado na cadeira, e riu tanto, que as lágrimas já lhe corriam pela cara. Realmente era um espectáculo engraçadíssimo: — a Rainha feita menina pequenina, sem dentes, quasi peladinha de todo e vestida de bibe! ...

— Por que não desejou uma coisa menos tola? (Preguntou-lhe o marido, depois de rir um bocado.)

Repare para mim! — (e, pegando numa das ferraduras, gritou alto:)

— Desejo que tudo quanto pertence á minha «toilette» se faça em ouro!

Instantaneamente, não só o fato do rei, mas também, os seus cabelos, se transformaram em ouro, os quais, crescendo-lhe até aos pés, pesavam-lhe duma forma insuportável.

A rainha riu-se por sua vez, e o Rei ficou tão furioso, que atirou com as ferraduras pela janela fóra, a pontapé.

— Tire-me desta cadeira! (pediu a Rainha).

Mas o marido já não podia mover-se, porque o fato e o cabelo se lhe tornavam imensamente pesados. Era como se estivesse metido num cofre de ouro, que o esmagasse por todos os lados. Chamemos a princesa Setalinda, (disse o Rei.)

E ambos se puzeram a gritar com toda a força, até que a filha, dansando nesse momento com um fidalgo da corte, ouviu os gritos e saiu da sala sem dizer nada..

Guiada pelos gritos, foi dar com os pais naquella ridícula situação, e pediu-lhes que esperas-

sem um instante, enquanto ia pedir socorro aos convidados.

— Entre tantos príncipes e fidalgos valorosos — (disse Setalinda) — alguém há-de aparecer que, a meu pedido, salve meus pais desta difficil situação.

Mas, embora todos viessem preseñciar o espectáculo, rindo-se á custa do Rei e da Rainha, nenhum lhes soube valer.

A princesa já estava desanimada, quando, de repente, o pobre rapaz do sacco, entrou e disse:

Achei a ferradura perdida. Se as outras deram êste mau resultado foi, de certo, porque Vossas Magestades lhe não pegaram como devia ser. Experimentou, em seguida, a ferradura que trazia, com a abertura voltada para cima, e desejou que o Rei e a Rainha tornassem á sua forma antiga.

Imediatamente se realizou o desejo, e a Princesa exclamou radiante:

— Com êste rapaz é que eu hei-de casar. Só êle valeu aos meus pais!

— Princesa! — (pediu o sobrinho do feiticeiro.) — Deixe-me, primeiro, tornar-me digno dessa honra! ...

E, pegando na ferradura, desejou ser um príncipe esplendidamente rico e bem vestido, o que conseguiu no mesmo instante.

Depois de grandes festas, casaram os dois e, como tinham a ferradura mágica, alcançaram tudo quanto queriam e foram felicíssimos.